

Além das aparências: uma visão da história umbandista

Autoria: Prof. F.Rivas Neto

Data da Publicação: 22/03/2006

Resumo

A Umbanda, como genuíno movimento espiritualizante brasileiro está inserida em um contexto histórico-cultural. Nesse artigo, F. Rivas Neto sugere que as ações umbandistas desenvolvem-se como resposta a esse contexto de maneira não apenas reativa, mas com um alto grau de intencionalidade.

Texto

A história do movimento umbandista, surgido há pouco mais de um século no Brasil, está repleta de episódios de discriminação, segregação e cerceamento da liberdade de expressão. De fato, a trajetória do movimento umbandista confunde-se com a dos povos escravizados, negros e indígenas, desde a colonização portuguesa até a abolição da escravidão nos prenúncios da república. Seguiu ainda adiante, acompanhando a exclusão social imposta, desde o começo do século XX, às classes mais baixas da população, composta por descendentes dos povos-raízes, mestiços, imigrantes e todos os demais sem acesso à educação, à cultura e aos bens de consumo. O modelo de pirâmide social oligárquica continua a ser reproduzido no Brasil desde 1500, mudando apenas o regime político; somente nos últimos anos tivemos uma mudança significativa de padrão com a eleição de um metalúrgico ao nosso maior cargo executivo. Atualmente, somos um país rico em termos de produção de riquezas, mas pobre no que concerne à distribuição dos bens econômicos e sociais. A Umbanda vem agindo de maneira lenta, mas progressiva, no sentido de provocar mudanças estruturais que levem a uma maior inclusão social e à possibilidade de realização integral para cada pessoa.

A diminuição do valor humano dos povos oprimidos existiu em outras épocas e se repetiu no Brasil colonial como forma de justificar a atrocidade da dominação e do processo escravista. Assim parecia natural o domínio de uma “raça superior” sobre uma inferior, sendo que aqueles que se submetiam eram os “bons” e os que se rebelavam eram imediatamente associados ao mal. A estratégia de demonização das culturas dominadas já fôra utilizada com sucesso por outros conquistadores e a história só fez se repetir também aqui em *terra brasilis*. Quando do surgimento da Umbanda, no final do século XIX, congregando elementos dos cultos religiosos de negros, indígenas, mestiços e brancos pobres, fora do centro de decisão cultural e domínio político-econômico, no seio da população trabalhadora, as hierarquias instituídas do poder naturalmente iniciaram um movimento surdo de contenção de seu desenvolvimento. Dizemos surdo porque apesar dos períodos em que a Umbanda foi declaradamente proibida e rechaçada, na maior parte das vezes seu combate se fez de maneira mais indolente, por meio da discriminação e do desdém instalados à socapa na linguagem corrente. Assim, a Umbanda recebeu epítetos e encômios como “baixo espiritismo”, “crendice”, seita de ignorantes, idolatria pagã ou, mais diretamente e recentemente, culto demoníaco.

A Umbanda surgiu na periferia da sociedade para atingir uma camada da população com características peculiares, como aqueles que preservavam o respeito à sua ancestralidade; aqueles que entendiam que a diversidade e a pluralidade são formas de afirmação da nossa condição humana; aqueles que apesar de excluídos não se comportavam nem com uma postura de subserviência e resignação, nem com uma postura belicosa ou revolucionária. A Umbanda atingiu em cheio aqueles que não se entregavam aos comportamentos estereotipados de valores massificantes e que ainda não tinham voz para manifestar seus desejos de mudança. A Umbanda se desenvolveu entre aqueles que acreditam que é possível realizar mudanças profundas de maneira pacífica, por meio do trabalho contínuo de renovação dos laços sociais baseados em princípios de espiritualidade que se fundam além do domínio das religiões, mas atrelados aos valores de ética e universalidade que conectam cada pessoa ao Sagrado, independente de credos.

Com esse perfil, o movimento umbandista se desenvolveu ao longo de mais de cem anos, experimentando um crescimento exponencial que começou em meados do século passado e se estendeu até a década de 80, quando ocorreu uma certa retração no número de praticantes e templos umbandistas. Essa nova etapa é considerada um período de mudança de paradigma para o movimento umbandista que havia atingido uma massa crítica: o grande aumento de quantidade experimentado nas décadas anteriores culminou com um salto qualitativo que se consolidou com um posicionamento de vanguarda da Umbanda na busca de maior mobilidade social para toda a população.

Nos dias atuais a Umbanda continua recebendo pessoas de todas as classes sociais, origens étnicas e condições econômicas ou culturais, todavia, apresenta-se de maneira mais organizada e mais atuante

no processo decisório da sociedade. O funcionamento dos templos permite um redimensionamento de valores individuais, posicionando os valores espirituais, culturais e sociais acima dos valores materiais que, infelizmente, ainda determinam os poderes econômico e político brasileiros. No convívio espiritual as pessoas aprendem a estimar o outro além das aparências e das posses e desenvolvem a cooperatividade como alternativa salutar para a competição exacerbada do capitalismo neoliberal.

No processo de aprofundamento de suas ações a Umbanda optou por obter a legitimidade e o reconhecimento social por meio da educação, como se vê com a criação da FTU – Faculdade de Teologia Umbandista nos últimos anos, uma verdadeira conquista de nossa comunidade, iniciada de cima para baixo, a partir dos nossos espíritos ancestrais, mestres astralizados da Sagrada Corrente Astral de Umbanda. Essa orientação reflete a crença que temos de que a educação espiritual é o caminho para a solução das mazelas humanas, invariavelmente localizadas na distorção de valores que toma a realidade material como anterior e superior à espiritual, condicionando um apego à forma em detrimento da essência de cada ser humano.

Da mesma maneira que a chegada de um trabalhador à presidência da república representa uma mudança dos padrões oligárquicos já encarquilhados e carcomidos pela senescência, a chegada da Umbanda à comunidade acadêmica e ao plano da educação corresponde a uma mudança da relação entre espiritualidade e materialismo, entre religiosidade e cientificismo. Mais do que isso, ao fazer o movimento da periferia ao centro e oscilando entre um e outro para gerar um turbilhonamento dialético, a Umbanda renova a sociedade como um todo e contribui para as mudanças necessárias para que sejamos um país mais humano, justo e igualitário.

F. Rivas Neto

Professor e Diretor-geral da FTU – Faculdade de Teologia Umbandista

Palavra Chave

Umbanda e história